

# A Prova de Fogo

Consuelo de Castro  
(Texto adaptado)

**Personagens:**

José Freitas

Júlia

Rosa

Frederico

Mário

Dartagnan

Cebola

Vilma

Luís

Ana

**PRIMEIRO ATO – “A Assembléia”**

RÁDIO – ESTA ANARQUIA PRECISA ACABAR. A JUVENTUDE ESTÁ SENDO CONTAMINADA POR IDÉIAS EXÓTICAS QUE ACABARÃO CONDUZINDO O PAÍS AO COMUNISMO, À ESCRAVIDÃO. O GOVERNO ESTÁ TOMANDO SUAS PROVIDÊNCIAS. FORAM DESOCUPADAS À FORÇA QUASE TODAS AS FACULDADES QUE SE ENCONTRAVAM TOMADAS PELOS ESTUDANTES. APENAS UMA DELAS RESISTE: A DE FILOSOFIA. PEDIMOS... IMPLORAMOS A ESTES INCONSCIENTES QUE AINDA SE OBSTINAM EM PERMANECER ENTRINCHEIRADOS NO RECINTO, QUE O ABANDONEM, OU ENTÃO, ELES TERÃO O QUE MERECEM: DENTRO DE TRÊS DIAS A POLÍCIA INVADIRÁ ESTA POCILGA DE AGITADORES.

ZÉ – Colegas, peço que se mantenham em calma. Tentem não embananar. Temos que decidir já o que vamos fazer. Torno a repetir. A polícia nos deu um prazo de três dias para evacuar a faculdade. Isto sob pena de repreensão violenta. Ou nós encerramos a ocupação, ou eles nos massacram.

MÁRIO – Um aparte, colega.

ZÉ – A mesa não permite apartes.

DARTAGNAN – E quem a mesa pensa que é?

MÁRIO – Isto é ditadura do colega Freitas!

ZÉ – Não permito apartes e acabou. O ultimatum da polícia não é invenção minha, nem sensacionalismo da imprensa. É um fato. Silêncio.

MÁRIO - Quero o meu aparte. A mesa não pode...

ZÉ – Não vou permitir apartes, nem embananações enquanto não desenvolver meu raciocínio. Continuando... se permanecermos aqui, colegas, eles nos massacrarão...

CEBOLINHA – Ninguém sai daqui!

DARTAGNAN - Nós ocupamos isto aqui sabendo que a polícia ia acabar invadindo!

MÁRIO – Questão de ordem...

ZÉ – Silêncio no plenário! Por favor!

TODOS – Conciliador! Ditador! Não deixa ninguém falar! Burocrata!

ZÉ – Isto é uma assembléia, companheiros, não é um programa de televisão!

TODOS – Enrolador! Ninguém sai daqui...vamos resistir...!

LUÍS – Zé, a polícia não vai massacrar ninguém, eles vão no máximo levar a gente em cana. Termina isto aqui, Zé... já está mais do que votada a continuidade da ocupação. Todo mundo quer resistir....

ZÉ – Silêncio. Quero advertir os colegas que sei de fonte bem informada que haverá violência da parte deles.

JÚLIA – E da nossa parte também! Aqui ninguém tem medo de milico. Quem é carneiro que fique em casa!

CEBOLINHA – Vamos responder à altura: eles invadiram mais de dez escolas; prenderam os nossos companheiros... sabe-se lá o que fizeram com eles... Colegas, se não resistirmos, eles nos massacram de outras maneiras... Acabam com o nosso Grêmio, mandam os professores de esquerda para o olho da rua...e depois o governo e aquele filho da mãe do Ministro da Educação mandam pra cá um bando de gringos para cagar regras por cima da gente: o tal acordo MEC-USAID.

TODOS – Abaixo o MEC-USAID...

ZÉ – Não concedi aparte ao colega. Tem que haver uma certa organização nos trabalhos desta assembléia...Senão é o caos!

CEBOLINHA – Burocratinha cretino!

ROSA – Não deixem baixar o nível do debate, por favor!

JÚLIA – Nós ocupamos esta escola conscientemente. Não saímos dela nem com dez tanques de guerra. A polícia quer invadir? Que invada! Que é que tem isto? A polícia vai mandar ultimatus pra gente a vida inteira!

ZÉ – Silêncio no plenário, por favor!

CEBOLINHA – Passou o tempo da oposição consentida, colega Freitas. Passou o tempo da luta “parlamentar”!

JÚLIA – É... acabaram-se os conchavos com a burguesia nacional... O imperialismo... O latifúndio...

ZÉ – A colega Júlia acabou de proclamar a República Socialista do Brasil neste momento?

JÚLIA – Largue de bancar o palhaço e presida a assembléia que temos pouco tempo.

ZÉ – Se vocês deixarem... eu presido. Colegas.. O problema é que em três dias não vamos conseguir nem a reforma educacional que propusemos, nem coisa alguma. E não temos como reagir ao aparato militar. A coisa é simples como água.

TODOS – Ninguém sai daqui!

ZÉ – Mas a reforma...

CEBOLINHA – A reforma quem faz somos nós. E aqui estamos aqui para garantir isto.

ZÉ – Os colegas estão fazendo metafísica. O problema é urgente. Mais urgente que decidir se a reforma sai ou não. O problema é de vida ou morte.

TODOS – Revisionista! Conciliador!

CEBOLA – Colegas! Abandonar a escola é dar vitória a eles. E quando o ministro da educação declara por aí que nós não saímos das fraldas, que somos uns afinados, etc. e tal... Aí é que ele tem razão.

ANA – Resistiremos até o fim!

ZÉ – Faço uma pergunta ao plenário: Se permanecermos aqui, e dentro de três dias eles invadirem, com que vamos reagir?

ANA – Com o que pudermos: na marra.

CEBOLINHA – Na marra!

ZÉ – Com estilingues?

JÚLIA – Estilingues... bombinhas de São João Molotov...

CEBOLINHA – E idéias... E idéias....

JÚLIA – O colega Freitas esqueceu que nós temos uma ideologia?

ZÉ – Muito bem! Nós com idéias, estilingues e Molotov que falham na maioria das vezes. E eles com tanques.

CEBOLINHA – Freitas!

ZÉ – Não aceito mais os apartes do colega Cebolinha!

JÚLIA – Aparte! Aparte! Quero um aparte!

ZÉ - ...Muito menos da colega Júlia! Isto é pura empulhação! Companheiros! Estes dois estão conchavados para embananar nossa assembléia. Se eles querem se suicidar, que se suicidem sozinhos! Nós temos uma luta!

JÚLIA – Burocrata... Qual é a sua forma de luta? Palavras? Meras palavras?

CEBOLINHA – Freitas: você duvidava que a polícia ia invadir esta joça?

ZÉ – Não.

CEBOLINHA – E quando nos conduziu até aqui para ocupá-la, tinha plena consciência disto?

ZÉ – Tinha. Não sou idiota nem cego. Eu sei o que faço. Só que estou cheio de porralouquice.

MÁRIO – Aparte.. Aparte...

ZÉ – Não concedo.

MÁRIO – É um ditadorzinho palhaço!

ROSA – Olha o nível...

JÚLIA – Conceda o aparte ao colega Mário, ou nós evacuamos isto aqui. Quem você pensa que é? Cohn Bendit subdesenvolvido...

FRED – Olha o nível...

ZÉ – Agradeço a comparação que a colega Júlia fez. Não sou Cohn Bendit. Tenho a cabeça no lugar. Coisa que a colega Júlia parece não ter. Colegas... A função do movimento estudantil é manter a agitação política. Certo? Estudante não é vanguarda de revolução nenhuma. Correto?

LUÍS – Então vamos ficar quietinhos, estudando como o governo quer, nos livros que o governo quer, e vamos aceitar tudo.... a repressão, as passeatas, a prisão dos companheiros, a repressão às greves operárias... a censura artística. Tudo. Só porque o Freitas disse que nós não somos vanguarda. Tá bem?

ANA – Se a gente não se mexe primeiro, ninguém se mexe. Se não somos vanguarda, não sei. Mas quem põe fogo na coisa é sempre a gente.

JÚLIA – Também acho.

ZÉ – Ninguém vai querer saber de perder sangue, salário, merda nenhuma, por causa da nossa linda reforma educacional....

ANA – Não são eles que têm que botar fogo. Já disse. Somos nós que devemos ir até eles, mostrar que o negócio não é pedir coisas ao governo. É impor!

ZÉ – Até aí, muito bem. E ficando aqui, para ser massacrada, você vai conseguir transmitir ao operário isto que acabou de dizer? Ele vai é se assustar.

JÚLIA – Vamos discutir nós. Deixemos o Freitas com o medão dele. Um presidente que só serve para emperrar as coisas, depõe-se.

ZÉ – Continuo reafirmando. A permanência aqui, depois deste ultimatum, é contraproducente para os nossos objetivos. É suicida, irresponsável e até mesmo reacionária.

ANA – De que objetivos o colega fala?

ZÉ – A Reforma educacional. Ou não é mais este?

MÁRIO – Freitas: você perdeu a noção das coisas?

JÚLIA – Como é que pode haver uma reforma educacional, ou outra qualquer, real, dentro do sistema capitalista podre em que vivemos? ZÉ, você acha possível?

ZÉ – Não acho. A luta pela reforma educacional... deve ser a meta inicial dos estudantes. Assim como a luta por um aumento de salário é uma luta dos operários. Quando se percebe não só que o governo não dá o que pedimos, mas reprime violentamente quem se arroga o direito de pedir... Então é que...

CEBOLA – Aí então é que se deve impor... A ele! Aí então é que se deve parar de dialogar com quem quer falar sozinho.

ZÉ – O colega Cebolinha ainda não percebeu que só nós aqui, dentro dessa escola, sabemos que a reforma que pedimos na verdade é impraticável e é preciso impô-la? A maioria dos estudantes não sabe disso.

JÚLIA – E daí? É provando pra eles que a reforma é um sonho que nunca vai se realizar, porque vivemos numa ditadura, que você vai botar ele na rua? Protestando contra o governo?

ZÉ – Exatamente, brilhante colega Júlia! Eu vejo com alegria que a colega ainda não perdeu a capacidade de raciocinar. É exatamente isso! O pequeno-burguês começa a ver que – como dizia o colega Cebolinha se não me engano – dentro de um sistema capitalista podre não pode haver reformas reais.

JÚLIA – Responda Freitas. Primeiro a gente prova pro estudante que a universidade está falida. Depois enfia na cabeça dele que a reforma universitária é inevitável. Depois que ela é também impraticável e depois...

ZÉ – Depois o cara percebe que a luta é mais ampla, Júlia. Não adianta mudar o ensino, tem que se mudar o sistema inteiro, aí sim...

MÁRIO – Pois é, muito complicado o seu raciocínio Freitas. Só que agora não é hora de discutir reforma. O negócio é a gente partir pro pau, pra violência mesmo. Esperar o tal “esclarecimento das consciências”, é empulhação sua.

ZÉ – E o que é que você propõe então?

MÁRIO – Que se deixe de lado esse negócio de reforma. Nós já sabemos que é utopia e ponto.

ZÉ – Ah então entendi... Vocês propõem que façamos dessa faculdade uma trincheira... Uma trincheira onde seremos massacrados, os dez. Pena que em Sierra Maestra tenham sido doze, senão dava certinho. “O Fidel fez a revolução deles com doze caras” – dirão Cebolinha, Júlia e Mário, os mais exaltados. Mas eu respondo... Primeiro que o Fidel não fez com doze, e segundo, nas condições dele até eu fazia.

DARTAGNAN – Vem cá, você está recitando poesia, fazendo metafísica, bancando o palhaço ou o quê?

ZÉ – É! É isto que eles estão propondo... Que fechemos a faculdade para balanço e coloquemos na porta uma placa com os seguintes dizeres: “A universidade está fechada até o dia da Revolução Socialista”.

FRED – “E revogam-se as disposições em contrário”.

CEBOLA – Colegas! Não se deixem levar por esses raciocínios reacionários, pacifistas, moscovitas!

JÚLIA – Gente, a história é um parto!

CEBOLA - Mas nós vamos resistir!

DARTAGNAN – É resistência!

TODOS – Re-sis-tên-cia!

ZÉ – Há duas propostas sobre a mesa.

ROSA – Questão de ordem!

ZÉ – Concedida a questão de ordem pra companheira Rosa.

**(Vaías)**

ZÉ – Eu gostaria de saber a razão dessas vaías.

JÚLIA – O colega não concedeu de livre e espontânea vontade aparte nenhum ao plenário... Isto é panelinha? Porque com a Rosa foi ali, na hora... Ela pediu e ganhou...

ZÉ – A colega Júlia está confundindo questão de ordem com aparte.

JÚLIA – E você está confundindo tudo com suas ligações afetivas, suas paixões pessoais.

FRED – Olha o nível. Lembre-se que isso aqui é uma faculdade e não um programa de televisão.

ROSA – Questão de ordem. Eu queria lembrar aos colegas que a lista dos oradores inscritos já chega aos vinte e três e já são quase dez horas. Proponho que o Freitas encerre a lista dos oradores e encaminhe a votação as duas propostas que estão sobre a mesa.

ZÉ – Aceito a proposta da colega Rosa e está encerrada a lista de oradores. Vou passar as propostas desde já a votação.

JÚLIA – Eu denuncio o colega Freitas como ditador! Ele abre o regime de encaminhamento das propostas, fecha a lista de oradores, tal e coisa e não consulta o plenário... O que nós estamos fazendo aqui então se o negócio é entre você, a Rosa e o Frederico?

ZÉ – Bem, eu coloco para decisão do plenário. Os que forem favoráveis a que se passe a votação das duas propostas que estão sobre a mesa, levantem o braço.

**(TODOS levantam o braço)**

ZÉ – Peço antes que os colegas raciocinem. A permanência aqui seria um suicídio.

ANA – Ah, deixe de conversa mole e passe logo a votação!

ZÉ – Proposta assinada por mim, Rosa Maria Prado e Frederico Fonseca.

JÚLIA – A panelinha de sempre! A panelinha de sempre!

ZÉ – Considerando que os objetivos do nosso movimento se restringem a reforma educacional como tática de luta; que essa atitude romântica não traria resultado para os movimentos de protesto contra o governo em geral; e sobretudo que não teríamos condições militares de reagir a polícia; Propomos: Que se evacue a faculdade no prazo de três dias, previsto pelo ultimatum da polícia. Os que forem favoráveis, levantem o braço.

**(Apenas ROSA e FREDERICO levantam)**

ZÉ – Bom, eu vou ler a segunda proposta.

JÚLIA – Não é necessário pó! A segunda proposta já ganhou.

ZÉ – Considerando que a desocupação da escola seria um ato de covardia; que nossas reivindicações não devem se ater apenas as lutas estudantis, mas sim, as lutas operárias e camponesas; que quando ocupamos essa escola estávamos conscientes de que haveria repressão policial; Propomos: A permanência aqui, venha quem vier, armado como quiser. Os que forem favoráveis, levantem o braço.

**(TODOS, com exceção de ROSA e FREDERICO, levantam o braço. A comemoração é geral) – “Música da Canoa”**

ZÉ – Os colegas são responsáveis por este suicídio!

MÁRIO – Bom, questão de organização. Quem vai pra onde?

ZÉ – Não sei.

JÚLIA – Cadê a lista da coordenação geral?

ZÉ – Eu não sei.

JÚLIA – Vai ficar emburradinho, é? Se você não quer ajudar na distribuição dos postos, deixa comigo.

ZÉ – Pode ficar com o abacaxi.

JÚLIA – Bom, você Mário e você... Frederico. Já pra cozinha.

MÁRIO – Ah! Pra cozinha? Lá não é lugar de homem, né Júlia?

JÚLIA – Não tem nada de homem daqui, mulher dali...

MÁRIO – Homem com homem, mulher com mulher, faca sem ponta...

JÚLIA – E galinha sem pé! Já pra cozinha. Tem batata e macarrão. Vocês podem começar a fazer a sopa.

ROSA – Aquela sopa de novo? Há vinte e três dias que estamos aqui e é todo dia a mesma coisa?

JÚLIA – Peça pro seu pai que é rico mandar “tutu” pra comissão de finanças. Assim nós fazemos *stroganoff*.

FRED – Guerra é guerra! Adeus minha noivinha linda! Honre essa aliança que nos une...

LUÍS – “*Amor... Eu partirei sem te dizer adeus... Eu morrerei longe dos olhos teus...*”

FREDERICO – Camarada Júlia, vê se não vai colocar a minha noiva nessa maldita comissão de segurança. Não quero que ela se meta naquele telhado.

**(Mário e Frederico saem)**

ROSA – Ah, no telhado? Mas é pra lá mesmo que eu quero ir! Vai Júlia, me coloca lá?

JÚLIA – Vocês gostam de brincar de guerrilha, não é? Calma que o dia não demora. Vocês aí... Cebolinha e Dartagnan!

CEBOLA – Eu?

DARTAGNAN – Fala Júlia!

JÚLIA – Um em cada porta pedindo identificação pra todo mundo que entrar.

CEBOLINHA – Naquele frio?

JÚLIA – Tem direito a pinga, Cebola. Mas olhem bem, só vocês dois tem o direito de tomar aquela pinga. Se eu pegar algum cururu de fogo aqui dentro, vai ter hein.

CEBOLA – E onde está a pinga?

JÚLIA - No telhado. Cuidado pra não confundir com as bombas molotov.

DARTAGNAN – O que essa pinga ta fazendo no telhado? O pessoal da segurança andou se tratando?

JÚLIA – Não. Ninguém bebeu. Fui eu que escondi a pinga lá.

ZÉ – Idéia de jerico essa sua. Vem a polícia, e pessoal da segurança joga uma garrafa neles crente que é molotov e cai a pinga.

ROSA – Iam pensar que somos todos alcoólatras!

DARTAGNAN – E não somos?

LUÍS – E viva a resistência etílica! Viva!

CEBOLINHA – E vamos a pinga!

JÚLIA – A pinga é garrafa branca. As outras são molotov.

DARTAGNAN – Quer ensinar ave-maria pro vigário? Tô cansado de conhecer pinga.. Ops! Molotov!

***(Dartagnan e Cebola vão saindo e passam pela entrada da cozinha)***

CEBOLA - Ui Ui Ui, Marieta! Quando é que a sopa vai ficar pronta?

MÁRIO – Ah vá a merda, barbicha fominha!

DARTAGNAN – Se essa sopa não estiver igualzinha a da mamãe, não como, não como e não como!

JÚLIA – Você, Ana. Pode subir pro segundo andar. Leia de vez em quando o manifesto do Cebola. Se quiser variar, leia também uns pedaços do livro do Guevara.

ANA – Do manifesto do Cebola ao livro do Che, haja diferença!

***(Júlia fala para Vilma e Luís)***

JÚLIA – Vocês dois. Onde vocês ficaram ontem?

LUÍS – Bom, eu fiquei no telhado. A Vilma ficou na congregação. Pelo menos foi isso que ela me disse.

VILMA – Fiquei sim, meu bem. Que cortem minha língua!

ROSA – Nossa, Vilma! Não precisa exagerar. Todo mundo sabe que você é fiel.

VILMA – Dormi lá sim! Aliás, aquela sala me dá um medo! A gente não podia pelo menos tirar aquelas fotografias dos catedráticos de lá? Parecem umas múmias, cruz credo!

LUÍS – Vilma, porque você não tapa a cara dos catedráticos com um cobertor?

VILMA – Não adianta! A simples presença daquela velharia me dá pavor. Cada um mais velho e enrugado que o outro.

ROSA – Um dia você também vai ficar velha e enrugada.

ZÉ – Vai ficar?

***(Vilma sai)***

LUÍS - E você Zé? Vai dormir na sala de grego? Porque se não for você, vou eu.

ZÉ – Vou sim. Depende com quem. Aquela sala é muito triste para um pobre coração solitário.

JÚLIA – Quem distribui os postos aqui sou eu.

***(Dartagnan chama fora da cena)***

DARTAGNAN – Pessoal, pessoal!

ZÉ – Que foi, hein, Dartagnan? Aconteceu alguma coisa?

DARTAGNAN – Vem vindo um carro estranho com dois sujeitos dentro.

JÚLIA – Que carro é?

DARTAGNAN – Peraí que eu vou ver. Ah! Não tem nada não! É o pai da Rosa Prado...

LUÍS – De novo? Esse homem vai ficar rondando a escola todo dia? Qualquer dia desses leva um morteiro na cuca e não vai nem saber porque.

ROSA – É o meu pai mesmo, é? Com quem?

DARTAGNAN – Com outro velho.

ROSA – É o pai do Frederico. Dá um berro aí pra ele e diz que nem eu e nem o Fred estamos aqui.

DARTAGNAN – Como é mesmo o nome do seu pai?

ROSA – Jarbas.

DARTAGNAN – Seu Jarbas! Ô, velho patusco! Seu Jarbas, sua filha não está aqui! Hã? Não! Nem ela e nem o noivo dela. Não sei onde eles foram.

ROSA – Ele foi embora?

DARTAGNAN – Foi.

JÚLIA – Luís, você pode ir pro telhado. Já sabe o que tem que fazer, né?

LUÍS – Sei. Depois de receber a senha atirar duas molotovs. Só usar o revólver em caso de ataque. É isso?

JÚLIA – Certo. Pode subir. Daqui a pouco eu mando outra pessoa pra ficar lá.

LUÍS – De preferência mande a Vilma.

JÚLIA – Vou pensar no seu caso.

LUÍS – Fred, Fred! Olha seu pai passou aí procurando você e sua noiva! O velho tava uma onça. Ele disse que vai cortar a sua mesada se você não voltar hoje mesmo pra casa.

FREDERICO – Sério? E por que não me chamaram?

LUÍS – Ele estava muito bravo! Ficamos com medo dele te dar uma surra.

FREDERICO – Ah! Não me enrola... É sério mesmo?

LUÍS – Gozação, bobo. Mas que a sua mesada um dia desses ainda vai pras picas, ah vai. O meu velho cortou a minha não é de hoje.

FREDERICO – Ah vá amolar outro, seu chato!

**(Vilma entra em cena)**

VILMA – Ai Júlia... aquela sala tá muito escura.

JÚLIA – Vilma, volta pra congregação.

VILMA – Isto é crueldade, Júlia! Eu já não disse que detesto aquela sala?

JÚLIA – Mas alguém tem que ficar lá, Vilma.

VILMA – Eu quero subir pro telhado. Quero ficar com o Luís.

JÚLIA – Não tem conversa Vilma. Vá pra congregação.

***(Vilma sai. Ficam no palco Rosa, Zé e Júlia)***

ROSA – Bom, sobramos nós.

JÚLIA – Rosa, você vai lá fora, arrumar as barricadas. Eu e o Zé vamos pro telhado coordenar a segurança.

ROSA – Eu? Nas barricadas? Sozinha? Ah! Não vou mesmo.

JÚLIA – Tem uns dez caras lá fora.

ZÉ – Ela não vai. A Rosa não vai a lugar nenhum. E chega de brincadeira agora. Você quer fazer o favor de sumir, que eu quero falar com ela em particular?

JÚLIA – Não vou sair daqui enquanto não resolver o que preciso resolver com você. E vai ser já.

ZÉ – Eu disse que preciso falar com a Rosa, e não tenho nada a resolver com você.

JÚLIA – Ah! Não tem nada a resolver comigo?

ZÉ – Não.

JÚLIA – Pois eu vou contar pra tua Rosinha, então. Você sabia, menina, que eu estou grávida de três meses e que o pai dessa criança chama-se José Freitas?

ZÉ – A Rosa não tem nada a ver com isso.

JÚLIA – Claro que tem. Ela não é a próxima a cair na sua cantada?

ROSA - Olha, não fala assim. Eu sou noiva de aliança.

JÚLIA – Vá a merda com sua aliança.

ROSA – Você está com despeito porque eu sou noiva!

ZÉ – Como é? Você vai sair ou vamos ter que sair nós?

JÚLIA – Zé, um dia você vai ter que resolver isso, não é? O meu pai me botou pra fora de casa. Quando terminar a ocupação eu não vou ter pra onde ir.

ZÉ – Muito bem. E o que você quer que eu faça? Que eu te compre uma casa? Que eu me case com você?

JÚLIA – Não é isso. Não seja clínico.

ZÉ – Fala o que você quer então!

JÚLIA – Eu preciso resolver com a cabeça. E você precisa me ajudar.

ZÉ – Não tem nada o que resolver. Só existe uma solução: o aborto. E isso eu já disse há três meses. Você que não quis. Te dei até dinheiro. Agora estou duro. Só se a Rosa te emprestar. Ela tem.

ROSA – Eu empresto, sim, Júlia. Você quer?

JÚLIA – Não quero caridade cristã pro meu lado.

ZÉ – Ta vendo? A tudo que eu proponho você diz não. Se você está pensando que eu vou casar com você pra satisfazer o seu pai pequeno-burguês e a tua vontade alienada de ser mãe, você está muito enganada. Eu sou o presidente desse grêmio. Eu tenho responsabilidades políticas.

JÚLIA - Eu também tenho minhas responsabilidades políticas. Mas isto não impede que os meus problemas pessoais existam. Antes fosse.

ZÉ – Problemas pessoais.... O mundo se arrebetando, a guerra do Vietnã no teu nariz, analfabetismo, miséria, e a Julinha querida cheia dos problemas pessoais. Que coisa nojenta. Você não estava agora mesmo se esbaldando de dar ordem pro pessoal? Por que não continua? Assim você se distrai e larga do meu pé.

JÚLIA - Você é um covarde, um covarde em tudo. Em nome da revolução você deixa o tempo passar e não resolve nem os teus problemas pessoais. Eu disse que fazia o aborto. Disse sim. No começo.

ZÉ - Disse merda nenhuma. Deu uma de romântica. Ficou horas resmungando que “já sentia o filhinho na barriga”.

JÚLIA – Mentira sua. Você que deu uma de romântico. Ficou até pensando no nome que a criança teria. Depois, quando essa grã-fininha cretina entrou na escola... aí você caiu de quatro. E resolveu me dar um pontapé.

ROSA – Você fala como uma atriz de cinema mexicano.

JÚLIA - Fica quieta aí menina. Não se meta.

ZÉ - Chega.

JÚLIA - Chega uma ova. Fique sabendo que não é por causa das tuas oscilações emocionais que eu vou arriscar um aborto. Pra que? Pra estrebuchar feito bicho

na mesa de um charlatão qualquer? Aqui ó! Você quis o filho. Agora quer que eu tire a criança pra te deixar em paz, por causa da Rosinha Prado.

ZÉ – Eu jamais quis ter o filho. Eu não tenho cara de pau de meter uma criança inocente numa guerra como essa. Eu tenho um papel histórico a cumprir.

JÚLIA – Eu também tenho um papel histórico a cumprir. E é por isso que eu não vou arriscar a minha saúde por tua causa.

ZÉ - Que é que você vai fazer então?

JÚLIA – Eu vou ter o filho.

ZÉ – O problema é seu. Você é livre, maior e vacina.

JÚLIA - Você é um covarde.

ROSA – Júlia, pensa bem. Não é perigoso. Eu conheço um médico e dinheiro não é problema. Você não sabe a loucura que você está fazendo.

ZÉ - Deixa ela Rosa. Cada louco com a sua mania.

**(Julia sai)**

MICROFONE (**MÁRIO fora de cena**) – Colegas, a sopa está pronta. Peço aos colegas que comam estritamente o necessário em virtude da escassez de mantimentos. Obrigado.

ZÉ - Vai jantar Rosinha?

ROSA – Não estou com fome.

ZÉ – Então vamos pro telhado. Quero conversar muito sério com você.

ROSA – Mas e a Júlia? O Fred? Eles vão se invocar.

**(Todos entram; Zé e Rosa saem) "Música Batalhão do apetite"**

MÁRIO - Ei, Presidente. Onde vai nessa pressa?

FRED – Rosinha, você não vai jantar?

CEBOLA – Vocês vão pro telhado?

ZÉ – Eu e a Rosa vamos dar plantão lá.

**(Júlia fala pro Fred)**

JÚLIA – Você vai ficar aí parado?

FRED – Não entendi.

JÚLIA - Na tua frente, a tua noiva, de aliança e tudo, sobe pro telhado com o Zé, e você nessa calma?

FRED - Ora, menina. Eu tenho mais com o que me preocupar. Além disso eu tenho total confiança na minha noiva. Há quatro anos que somos noivos. Ela merece toda a minha confiança, a minha admiração e o meu respeito.

JÚLIA - Não devia ter tanta confiança.

ANA – Afinal de contas, ela está... com o “Ronnie Von das massas”

DARTAGNAN – O “líder dos cabelos longos”.

CEBOLA – Com essa estória de doutrinação política, o Zé vai comendo uma por uma. Onde, em que país, um líder estudantil se mete a gavião desse jeito?

FRED – Vocês estão fazendo uma acusação muito séria. Uma calúnia.

JÚLIA - Que acusação seria que nada... calúnia... É a pura realidade meu camaradinho. Você é muito ingênuo. Desde que você e a Rosa entraram aqui, o Zé não para de paquerar a menina. E olha que ele é fogo, hein. Chegou, doutrinou, comeu. Sabe como? Ele diz que o preconceito sexual atrasa a revolução.

LUÍS – Essa revolução tem quebrado tanto galho pra ele.

FRED – As minhas relações com o Freitas e as de minha noiva com ele, são de um caráter menos baixo que a de vocês. A coisa é noutro nível. Foi o Freitas, por exemplo, que nos explicou o papel do movimento estudantil.

MÁRIO - Só por perguntar. Você é estudante do que?

FRED – Eu não estou estudando nada. Fiquei aqui pra fazer companhia a Rosa, que passou pra Literatura, e de cara estava essa confusão. Ela quis ficar e eu fiquei com ela, apenas isso.

MÁRIO - Tá explicado. É sapo.

DARTAGNAN – Olha, olha, pessoal... Como é que vocês sabem que o cara não é um espião?

MÁRIO – Não. O cururu só tá protegendo a noivinha.

FRED - Foi o Freitas, como eu dizia, que nos explicou a conjuntura política do país. Eu e a Rosa estávamos por fora.

JÚLIA – De conjuntura em conjuntura ele vai levar a tua noiva pra cama.

ANA – E pior, pior de tudo, é que é na cadeira de grego.

FRED – E que tem a famosa cadeira de grego?

LUÍS – Não tem janela pra gente fiscalizar a moralidade do movimento. A moralidade de que o Freitas tanto fala.

FRED - Isso é recalque de vocês. Inveja!

**(Fred sai)**

CEBOLA – Dartagnan, você acha que com toda essa má fama, o Zé consegue chegar a presidência da UNE?

DARTAGNAN – Nunca. A posição oportunista dele já tá mais do que manjanda. Agora, o bom mesmo, o quente... é o Cebola! Você mesmo Cebola, vai ser o nosso cabeça pra presidência da UNE.

CEBOLA – Eu, hein, boi. Estou por aqui com o movimento estudantil. Depois dessa que partir pra coisas mais sérias. Estou de saco cheio da pequeno-burguesia.

LUÍS – Grupo. O cara não pode esquecer que o nosso objetivo em ultima análise é a revolução, e não reforma educacional.

**(Risos)**

LUÍS – Vocês riem? Tem nego aí que já esqueceu que é a “ditadura do proletariado”.

VILMA - Não querendo bancar a fofoqueira, mas Júlia... esse teu ódio pelo Zé ultrapassa as divergências políticas.

JÚLIA – Não entendi.

VILMA - Me parece mais uma certa “dor de corno”. Você estava gamada pelo Zé, não estava? Não vai dizer que não que todo mundo viu o porre que você tomou no dia que ele te deu o fora. E esta história tua com ele é mais antiga do que a própria UNE.

JÚLIA - E se for ciúmes mesmo? Você tem alguma coisa a ver com isso?... Ah bom. Mas acontece que não é. O problema é eminentemente político.

MÁRIO – Mudando de assunto... Vocês sabiam que na ultima passeata do ano passado, o Zé foi conchavar o delegado e o governador pra ver se eles seguravam as pontas com a repressão. Vocês viram que nada aconteceu com a gente?

VILMA - Pelo menos um mérito o Freitas tem. Se foi lá se humilhar pro delegado, governador, o diabos... foi pelo bem da gente.

JÚLIA - O que que te deu pra defender o Freitas desse jeito? E quem te disse que meu ódio por ele é ciúmes, gamação essas merdas?

VILMA – Primeiro: o porre que você tomou todo mundo viu. Chorava de ciúmes da Rosinha Prado. Segundo: todo mundo sabe que você está grávida de três meses e que o filho é do Freitas. Você mesmo espalhou. Parece que se orgulha disso.

JÚLIA - Olha o nível.

VILMA - Você não perguntou?

JÚLIA – **(mudando de assunto)** Bom gente... O importante agora é discutirmos...

LUÍS – discutirmos como vamos derrubar o Zé da presidência do Grêmio. Correto?

JÚLIA – Correto. Corretíssimo companheiro Luís.

**(Todos saem. Rosa e Zé entram)**

ROSA – Que frio.

ZÉ - Quer que eu pegue minha japona.

ROSA – Não, assim já melhora. Nossa como você está cansado.

ZÉ – Estou sim. Mas agora eu já estou legal. Você me acalma. Sabe que tem os olhos mais bonitos que já vi?

ROSA – Não diga... Esta é velha...

ZÉ – Você parece uma menina assustada. Você é linda. Linda mesmo. Eu estou apaixonado por você. Ridículo, não?

ROSA – Ridículo por que? Amor é amor em qualquer lugar. Até no meio de uma guerra como esta.

ZÉ – Você não entende nada de nada. Você é uma menina romântica que acredita nos bons sentimentos. Nunca viu maldade ou sujeira em nada. Mas é isso que eu gosto em você... Esta burrice... essa alegre inconsciência.

ROSA – Eu tenho ciúmes de você com a Júlia. Ela parece tua dona. Nunca vi.

ZÉ – Eu estou apaixonado por você, já disse.

ROSA – Não podemos continuar com isso. Você já sabe que não vai dar certo. Eu venho de uma família que nunca ia te aceitar com essas idéias que você tem e essa vida que você leva.

ZÉ – Manda à merda a família e pronto. Eu mandei a minha à merda faz um montão de tempo.

ROSA – E a gente ia viver de que? De brisa? Ou você toparia trabalhar pra sustentar uma família.

ZÉ – Não entendi esse negócio de casamento não, Rosinha.

ROSA – Um dia a gente ia ter que casar, não ia?

ZÉ – Casar? Eu não, Rosinha. O casamento é uma instituição falida. Eu sou pela revolução total na maneira de ser e agir.

ROSA – Eu sei, você vive me dizendo isso. Mas eu não posso continuar namorando com você sendo noiva do Frederico. Ou isso também é ser pequeno-burguesa?

ZÉ – Larga dele e pronto. Pra que esse negócio de aliança, casamento?

ROSA – Zé... você sabe que é um pão?! Meu líder querido, meu guerrilheiro querido. Me dá um beijo?

ZÉ – Não. Seu eu te der um beijo é pra valer. Faz um mês que a gente está nesse chove não molha. Se começar é pra acabar, entende? O telhado não lá muito romântico. Se você quiser a gente pega a sala 19, uma suíte presidencial. E lá no prédio da psicologia, quer? Você vai ter largar esse negocio reacionário de ser virgem. Que preconceito ridículo.

ROSA – As coisas não são tão fáceis assim.

ZÉ – Muito mais fáceis do que você pensa? E muito mais gostosas do que imagina. Quer ou não?

ROSA – E se minha família souber um dia? E o Frei Marcílio, que eu me confesso todo domingo? Se você quiser me dar um beijo, eu quero. O resto hoje não. Já pensou se me acontece o mesmo que aconteceu com a Júlia. Eu não.

ZÉ – Então boa noite.

ROSA – Zé... Não vai me dar nem um beijo de boa noite?

ZÉ – Não

ROSA – Zé...

ZÉ – Então? Decidiu?

ROSA - Acho que sim.

ZÉ – Então amanhã mesmo você começa a tomar a pílula.

ROSA – Minha irmã engordou 10 quilos depois que começou a tomar pílula.

ZÉ - Você vai ficar linda com 10 quilos a mais. Vem... Esquece o teu pai, o Frei Marcílio, tudo.

***(Zé derruba sem querer uma garrafa de bomba molotov)***

ROSA – Cuidado Zé!

ZÉ – Não vai doer nada, minha bonequinha linda.

ROSA – Não foi isso que eu disse. Eu falei pra tomar cuidado com a bomba molotov.

***(Rosa e Zé saem)***

## **SEGUNDO ATO – “A Preparação para a Passeata”**

***(Música. Todos estão no palco. Zé entra)***

ZÉ - Mas o que é que está acontecendo aqui? Que significa isso? Por que é que aqueles caras lá fora me atiraram bolinha de papel e começaram a me vaiar? E que negócio é esse de passeata, que eu não estou sabendo? Como é que vocês, dez gatos pingados, resolveram fazer uma passeata sem convocar assembléia, sem falar com o presidente do grêmio? Sabe o que significa uma passeata vazia? A desmoralização do movimento! Vocês não podiam ter esperado um dia, pelo menos, até a gente convocar uma assembléia-geral?

MÁRIO- Houve uma assembléia.

ZÉ - Mas quando que eu não vi?

DARTAGNAN - Hoje à tarde. Enquanto você não estava aqui.

JÚLIA - A gente não podia esperar você pra decidir. Havia urgência. Prenderam dois caras.

ZÉ - Quem é que foi preso? Foi gente daqui?

JÚLIA - Não. Não sei de onde eram os caras. E infelizmente só ficou se sabendo da prisão deles ontem à noite. Por isso não dava tempo de esperar você chegar. A passeata tinha que sair, e vai ser hoje.

ZÉ - E por que você não me chamou?

JÚLIA - Entre outras coisas porque eu não queria te acordar. Não queria... atrapalhar o teu romance no telhado.

ZÉ - Você vai me pagar isso. Você esta submetendo os interesses do movimento aos teus ciúmes neuróticos.

JÚLIA - Já disse que foram motivos políticos. Eu disse pros caras que ia ser um pé no saco se a gente tivesse que convocar uma assembléia pra decidir se participava ou não da passeata. Principalmente com você na presidência. Expliquei pra eles que você embananava tudo, que ia achar cedo sair por aí. Aí diante da urgência que havia, eles disseram...

ZÉ - Entendi tudo. Você não chamou. Deixou que eu levantasse hoje de manhã e saísse sem saber de nada. De propósito, é claro. Você sabia que eu tinha um encontro importante, e que ia ficar um bom tempo fora daqui.

JÚLIA - Mais ou menos isso. Hoje quando você saiu, eu convoquei uma assembléia. Lotou aquilo lá, você nem imagina o tamanho da massa que havia.

ZÉ - E o que vocês votaram naquela droga de assembléia?

JÚLIA - Votamos duas coisas. Uma, o uso de violência na passeata. E a outra, a tua destituição da presidência deste grêmio.

ZÉ - Isto é um golpe! Um golpe baixo! Um golpe nojento! Não é possível que tenham votado isso conscientemente. Eu sempre tive o maior prestígio com o pessoal da escola. Fui eleito presidente pela maioria!

JÚLIA - Mas depois acabou se destruindo.

ZÉ - Que é que vocês alegam pra me destituir deste jeito?

JÚLIA - A maioria dos estudantes quer uma política mais radical. É hora de agredir o governo diretamente.

ZÉ - Quer dizer que vocês vão tomar o poder hoje. Às seis horas da tarde. Munidos de idéias, estilingues, e bombinhas molotov! Acho genial o romantismo de vocês. Mas será que vocês não entendem que não é que eu seja contra a violência, o problema é...

JÚLIA - Não é contra a violência? SEMPRE FOI! Tá voltando atrás agora só por oportunismo? Só pra não ser destituído?

ZÉ - Não é isso! Me deixa falar! Eu digo e sempre disse que... Neste momento usar a violência é provocar a violência da policia.

JÚLIA - Eu não tenho que responder às tuas teorias reacionárias. Você é um covarde oportunista.

ZÉ - Vocês vão arrebentar o movimento nesta passeata. Além disso, se a policia resolve mesmo reprimir, aí vocês vão ver o que é violência. Vocês todos participaram deste golpe baixo?

JÚLIA - Você não vai fazer drama agora! Numa hora dessas em que todo mundo esta na maior tensão?

ZÉ - Vocês todos participaram deste golpe baixo?

MÁRIO - Não foi um golpe “baixo”. Foi um golpe de morte nas lideranças pacifistas.

CEBOLINHA - Devia ter se tocado que teu prestígio estava pifando.

FRED - Olha Zé... eu quero deixar bem claro que na assembléia de hoje à tarde, quando mais de mil caras votavam a tua destituição, eu fui contra, Eu achei que você devia estar presente pra se defender.

ROSA - Eu também! Fui fundamentalmente contra!

FRED - Eu achei um desrespeito humano!

ANA - Larga de ser democrata-cristão, Ferd. Se uma pessoa não serve mais aos interesses do movimento, cai fora e pronto. A história mostra isso.

ZÉ - Quer dizer então, Júlia, que você e teus cupinchas conseguiram enfiar minhoca na cabeça de todo mundo pra me dar este golpe! Por isso me vaiaram

sem a menor consideração. Você envenenou a massa contra mim, Por uma vingança pessoal.

JÚLIA - Ninguém consegue convencer uma massa de mil criaturas a votar contra a vontade.

MÁRIO - Ora Zé, até Napoleão caiu um dia... larga de ser demagogo.

ROSA - Vocês não vêem que o Zé ta arrasado? Parem de pisar em cima dele!

VILMA - Depor o cara, vá lá.. Mas esta pichação barata... Já é demais.

FRED- Respeitem o sofrimento dele.

ZÉ - Eu não preciso de carpideiras. Isto é política, não é enterro nem novela de televisão.

ANA - Tem razão o Freitas. Rei morto, rei posto.

ZÉ - Hoje fiquei tanto tempo fora... porque tinha um encontro com uns caras importantes... uns caras que estão por dentro da jogada política... em geral.

JÚLIA - Foi conchavar. Taí. Foi conchavar. Não falei? Aposto que foi falar com algum generalzinho progressista por aí, pra deixar "a juventude protestar à vontade".

ZÉ - Vá a merda! Porra-louca... Cretina! Não fui conchavar ninguém... Ouviu bem?

MÁRIO - Não baixem o nível... Afinal, Freitas, que raio de reunião foi essa que você ficou tanto tempo?

DARTAGNAN - Coisa de burocrata! Eles precisam fazer quatrocentas reuniões pra decidir até se soltam um peido.

MÁRIO- Olha o nível.

ZÉ- Se interessa saber... a reunião foi com uns caras que tem clareza do que esta acontecendo no país. São pessoas que não ficam enfurnadas numa trincheira idealista, brincando de cowboy com a polícia.

JÚLIA - E quem eram essas "Consciências iluminadas"? O que esses caras disseram? Chegaram à conclusão de que existe repressão? Imperialismo? Exército?

ZÉ - Fica quieta! Escutem todos. Vocês sabem que estão explodindo greves operárias em todo o país?

JÚLIA - Eu sei. O Cebola sabe. Todo mundo aqui lê jornal.

ZÉ - Vocês não acham que ao invés de ficar aqui esperando o massacre e a morte, quem sabe, a gente devia ir lutar ao lado deles?

CEBOLA - Exatamente isto que vamos fazer. A passeata será também de solidariedade ao movimento grevista. Manjou?

ZÉ - Ótimo. Eu estou cheio de discussão. E como é que ficou resolvido? Quem atira a primeira pedra?

JÚLIA - Vai depender da massa. A massa é que resolve... Se na hora alguém resolver atirar a primeira pedra, paciência.

ZÉ - E vocês vão ficar na ofensiva. Estão a fim de puxar briga.

CEBOLA - É vamos incendiar carro da polícia, apedrejar os bancos imperialistas. Até matar milico, se for o caso.

ZÉ - Vão se entubar. Paciência. E o pior de tudo é são capazes de estragar o movimento grevista com esta palhaçada toda. Paciência...

**(Zé sai)**

JÚLIA - Bom, gente. Tem muita coisa pra fazer. O pessoal tá todo lá no pátio.

**(Todos saem, menos Júlia, Rosa e Fred)**

ROSA - Júlia... Júlia... Onde será que ele foi?

JÚLIA - Não sei e não me interessa.

FREDERICO - Achamos muito desagradável a maneira como você fez a coisa. Você, o Cebola... todos. Estamos muito chocados.

JÚLIA - Chocados? Então choquem a vontade. Não vão fazer a mínima falta. Lugar de burguesão grã-fino é no Clube.

**(Júlia sai. Telefone toca)**

FRED - Alô? Seu Jarbas? É Frederico, sim. Tudo na mesma. É... vai haver uma passeata sim. Não sei. Vou falar com ela. Rosa, o seu pai, ele quer saber se você quer que ele mande o chofer te buscar. Diz que você vai à passeata.

ROSA - Eu... devo ir mesmo? Você vai também?

FRED - Vou... fala com ele.

ROSA- Não grita comigo! Eu vou à passeata. O Frederico vai comigo. Eu faço o que eu quiser. Sou maior de idade. E o senhor, pára de telefonar duzentas vezes por dia. O pessoal já está me gozando.

**(Rosa desliga o telefone)**

FRED - Ele está muito aborrecido, é?

ROSA - Aborrecido? Está na maior fossa do mundo. O que é que te deu na telha de repente? Por que é que você resolveu ir à passeata? Não estou entendendo você, Fred.

FRED - Por que é que você acha que eu estou aqui esse tempo todo?

ROSA - Não vai me dizer que por causa da tua “consciência política”. Você achou que tinha que me vigiar pra não fazer besteira. Foi por causa disso que você ficou. Não vem bancar o herói pra cima de mim.

FRED - Eu fiquei só pra te fazer companhia. Mas agora o negócio é diferente.

ROSA - Diferente como?

FRED - Não sei. Eu acho que a gente tem que ir com eles. Seria muita covardia sair da coisa numa hora dessa.

ROSA - Ora, quer saber de uma coisa? Nós dois estamos fazendo o papel de bestas. De massa de manobra, como diz a Júlia. Eu acho que a gente devia voltar pra casa e marcar a data do nosso casamento o mais depressa possível.

FRED - Você acha que com isso a gente esquece tudo?

ROSA - Esquece o quê? Esse suicídio que eles estão programando? A sacanagem que fizeram com o coitado do Freitas? Que é que você vê de tão maravilhoso nisso? Faz um mês que eu não vou ao cabeleireiro. Um mês que eu não ando no meu carro.

FRED - É porque você mudou Rosa. Você está mudando. E isto é muito bacana.

ROSA - Eu não quero mudar. Quero voltar à minha vidinha de antes e acabou-se.

FRED - Você vai voltar à sua vidinha de antes. A gente vai casar. Você vai tornar a andar no seu carro.

ROSA - Que é que você acha que mudou em mim?

FRED - Faz um mês que você está plantada aqui; contra o teu pai, contra a polícia, contra um milhão de coisas. Entendeu agora?

ROSA - Você está distorcendo tudo. Não é nada disto.

FRED - O Zé foi deposto. Foi chato, foi cruel, mas aconteceu. Ele mesmo nos explicou. O problema não é o indivíduo, mas a idéia, Rosa. Mas a gente ficou aqui e já temos idéias que não pertencem ao Freitas, ou à Júlia apenas. Pertencem a nós dois. À nossa consciência. A tudo o que vimos e não esquecemos nunca mais.

ROSA - Puxa! Que discurso! Você está entusiasmado mesmo com o heroísmo deles. Mas isso passa.

FRED - Nós vamos à passeata e acabou-se o papo.

ROSA - O que é que eu, Rosa Prado, filha do dono da fábrica de latas Vitória. Tenho a ver com o imperialismo americano?

FRED - Você vai comigo.

ROSA - Não tenho nada a ver com essa mania de guerrilheiro que te deu de repente.

FRED - Como diz o Freitas- “o dever de todo revolucionário é fazer a revolução”.

ROSA - Não foi o Freitas que disse isto, seu tonto. Foi o Guevara...

FRED - Tanto faz. Está dito. Vamos embora.

ROSA - Então vamos de uma vez. Droga! Você vai ver o cano que nós vamos entrar!

***(Rosa e Fred saem. Entram Júlia e Zé.)***

ZÉ - Eu não vou mudar de posição. Mas eu vou à passeata.

JÚLIA – Ai Zé...

ZÉ - Chega de falar nisso. Eu vim aqui pra avisar o pessoal que a cidade está toda policiada. Cadê todo mundo que estava aqui?

JÚLIA - Foram pro pátio. Você queria falar com quem? A sua namorada foi embora com o noivo dela.

ZÉ - Você viu eles indo embora?

JÚLIA- Quando eu saí daqui, a Rosa e o Frederico disseram que não iam à passeata porque tinham ficado muito aborrecidos com o golpe que te deram. Só que na hora que o Frederico souber que você comeu a noiva dele, aí você vai ver o aborrecimento dele...

ZÉ – Ele não vai saber nunca. A Rosa morre de medo dele.

JÚLIA – Zé? E nós?

ZÉ – E nós o que?

JÚLIA – Eu ainda gosto de você.

ZÉ – Você devia ter vergonha de dizer isso.

JÚLIA – Não confunda as coisas! Eu tomei uma atitude política contra você, mas o resto...

ZÉ – Pra mim mixou. Mixou mesmo. Se era tão gamada como dizia, podia ter sido mais honesta. Devia ter se tocado. Devia ter me chamado quando aqueles caras vieram aqui me procurar. Não tinha nada que convocar esta assembléia golpista. Mas eu não vou chorar, por causa disto. Minha posição continua a mesma. E depois que todo mundo se arrebentar de graça, aí então é que vocês vão entender que eu sempre tive razão.

RÁDIO – EM SANTA CRUZ OS ESTUDANTES QUEIMARAM UM CARRO DA POLÍCIA. APEDREJARAM O CONSULADO AMERICANO E DIVERSOS VIDROS DO BANCO DA AMÉRICA FORAM DANIFICADOS. ESTA CARNIFICINA PRECISA ACABAR. OU O GOVERNO TOMA UMA PROVIDÊNCIA URGENTE, OU ESTE PAÍS, TÃO CATÓLICO, TÃO HONRADO, ACABA CAINDO NAS MÃOS DOS COMUNISTAS. A JUVENTUDE ESTÁ SOFRENDO A INFILTRAÇÃO DE AGITADORES PROFISSIONAIS, BANDOLEIROS TREINADOS EM DISTORCER AS MAIS SADIAS CONSCIÊNCIAS. SENHORES PAIS, IMPEÇAM SEUS FILHOS DE SAIR ÀS RUAS NO DIA DE HOJE! A REPRESSÃO SERÁ INEVITÁVEL POIS A ORDEM PRECISA SER MANTIDA A QUALQUER PREÇO.

JÚLIA – Masoquismo pô! **(Desliga o rádio)**

ZÉ – **(Subindo a escada)** Eu preciso descer e avisar este pessoal do perigo que eles estão correndo. A polícia tá toda aí.

JÚLIA – **(Na escada)** Zé... vamos passar um mata-borrão por cima de tudo? Agora que está Rosinha sumiu do mapa, a gente podia pensar direito. Eu sei que você está na fossa. Eu peço desculpas! Zé, eu te amo...

ZÉ – Já te falei. Não adianta. Eu não gosto mais de você e o momento é grave demais pra gente pensar em amor.

JÚLIA – Grave pra mim também. Eu estou com medo de fazer o aborto.

ZÉ – Você não tinha resolvido ter a criança? Mas você é complicada mesmo, heim?

JÚLIA – Zé, a gente tem uma luta pela frente. A gente podia fazer tudo junto. Não era isso que você dizia?

ZÉ – Águas passadas. Mas o que você tem na cabeça? Diz que vai ter um filho, de repente muda de oito a oitenta. Você está precisando de um psicanalista.

***(Os dois descem da escada)***

JÚLIA – Zé... eu estou numa confusão... se você imaginasse... Eu tento te esquecer... eu tento, mas eu não consigo. Por mais que eu faça força, não consigo te tirar da cabeça, sabe? E mesmo aqui, onde eu tenho um papel a cumprir... não sei... às vezes me dá um aperto aqui dentro, uma angústia... fico com vontade de chorar tanto... É horrível, Zé! Eu te amo!

ZÉ – Júlia... Júlia, pára com essa choradeira, por favor. Acabou, acabou.

JÚLIA – Zé...

ZÉ – Além do mais, eu te entendo sim. Fossa por fossa, a minha está bem durinha de agüentar. A Rosa me deixou meio baratinado, também.

JÚLIA – Ela foi embora, Zé. A gente podia... pelo menos tentar de novo...

ZÉ – Quer que eu te dê um beijo e fique por isso mesmo, que nem filme americano?

JÚLIA – E se eu não tivesse feito o que fiz, você...

ZÉ – Ia dar na mesma. E eu já não sentia mais nada por você. E depois, você mentia pra mim, que estava tomando a pílula e não estava. Resultado- engravidou. E aposto que nunca me perdoou por eu ter... tirado a tua virgindade.

JÚLIA – Não! Isso não! Eu estava consciente dos meus atos quando fui pra cama com você. E eu já resolvi... eu vou ter o filho.

ZÉ – Vou avisando. Não me responsabilizo por nada. Depois não quero choradeira por cima de mim.

JÚLIA – A Belinha até me marcou um aborto hoje, às 10 horas da noite. Eu estava decidida a tirar, mas na última hora me deu um medo, um desespero tão grande...

ZÉ – Não há problema. Hoje em dia se faz aborto aos milhões. Todos os dias.

JÚLIA – Eu fiquei de ir depois da passeata.

ZÉ – Então, coragem. Seria uma loucura ter a criança, Júlia, uma loucura mesmo. Pra mim, pra você... e pra própria criança.

JÚLIA – Eu vou tirar. Mas eu vou à passeata. Não posso deixar de ir. Eles precisam de mim.

**(Todos entram) “Música Revolution”**

ZÉ - Que festividade é essa? Por que essa alegria? Já tomaram o poder?

CEBOLINHA - É pra não dar pânico. O alto-falante lá do pátio anunciou que até a polícia marítima vai entrar no jogo.

MÁRIO - E parece que os cacetetes cresceram.

ZÉ - E é por isso que vocês estão nesta felicidade toda?

VILMA - Quem canta os males espanta. E o medão também!

ROSA - Zé... você voltou?

LUÍS - *“Ele voltou... O boêmio voltou novamente...”*

FREDERICO - Saudações universitárias, senhor presidente!

ZÉ - Saudações! Camarada Frederico! Embora eu não seja presidente mais, obrigado. Muito me alegra ver você e a Rosa participarem da luta corajosa destes defensores do povo!

ROSA- Você vai à passeata?

ZÉ- Claro que vou. E vou ficar aqui com vocês amanhã, esperando a repressão. Aviso que a cidade está toda policiada. Vim de lá agora. Provavelmente vamos ser trucidados.

VILMA- Ai que horror, Meu Deus!

ZÉ- Eu fiz o possível para evitar o massacre. Mas já que decidiram morrer de bestas. Paciência.

CEBOLINHA- Você acha que o governo é besta de permitir que eles matem alguém de nós pra depois ganharem a fama de fascista?

ZÉ- Você vai ver. Eles estão cagando montes pra fama que vão ter. Estão com tudo na mão. Poder, armas e apoio externo também.

DARTAGNAN- Eles sabem que o movimento estudantil é que nem merda. Quanto mais mexe mais fede.

ZÉ- E vão deixar feder. O poder está com eles.

JÚLIA- Vamos resistir! Vamos resistir e pronto!

**(Toca o telefone)**

JÚLIA- Alô? Quem? Latas Vitória? Que é isso?

ROSA- Me dá aqui. É a secretária do meu pai.

**(Rosa pega o telefone)**

CEBOLINHA- Electra começou assim!

ROSA- Alô... pai! Que é que o senhor quer de novo? Eu sei... eu ouvi. Aqui tem rádio. Como? Ah... papai... faça o favor de não fazer drama. Eu já estou nervosa.

DARTAGNAN- Está na hora pessoal. Muita calma. Quinze pras seis.

VILMA- Lá fora estão todos em grupos de dez.

LUÍS- Então vamos sair todos juntos!

CEBOLINHA- Chi! Cadê o amoníaco?

MÁRIO- Se aqueles carneiros resolverem explodir bomba de gás, quero ver como é que a gente se arranja sem o amoníaco!

ROSA- O senhor não manda em mim...

JÚLIA- Vamos embora pessoal, dez pras seis.

FRED- Desliga, Rosa, depois você fala com seu Jarbas.

ANA- Ninguém achou o amoníaco?

MÁRIO- Nem as rolhas. Quero ver, a gente já tem pouca coisa pra se defender e ainda desaparece tudo!

VILMA- E os cachorros? Aqueles cachorrões outra vez? Será que...

ZÉ- Isto já é masturbação mental, pô! Não era violência que vocês esperavam? Então que medo é esse?

CEBOLINHA- Ninguém está com medo. Não precisa ficar pensando que a gente esta com medo. Não é isso...

ROSA- Eu volto quando quiser. Já disse. Ah... vai vender? Vende! Não faz mal. E pára com este negocio de enfarte. O senhor não tem consciência política.

FRED- Desligaaa!!!!

ROSA- Chantagista! Você viu a chantagem sentimental? Ah... disse que vai vender o meu carro, o meu título do clube, vai cortar a mesada...

FRED- Como se enfarte fosse só programar e ter.

JÚLIA- Vamos pessoal. Coragem. Tá na hora.

ZÉ- Vamos lá. **(Fala para Júlia)** Se a gente não se ver mais, até a próxima encarnação.

ROSA- Já pensou o meu remorso se o meu pai tem mesmo o enfarte?

VILMA- Eu só tenho medo dos cachorros. Juro mesmo. Só dos cachorros.

MÁRIO- Tem que meter os peitos. Você leu as instruções de segurança? Se os cachorros vierem, você fica paradona.

VILMA- Eu hein? E se dá na louca de um cachorrão daqueles de resolver mudar de hábito? E eu paradona feito besta? Eu corro e corro mesmo!

MÁRIO- Se vierem os cavalos atirem as rolhas e as bolinhas de gude.

CEBOLA- Se alguém achar... faça bom proveito.

ROSA- E... se tiver... tiro mesmo? Que é que a gente faz?

ZÉ- A gente abre o peito assim... e deixa o sangue escorrer à vontade. Como em todos os filmes de guerra. Só os heróis morrem assim. Os heróis ou os idiotas como nós.

FRED- Os heróis. Você sabe muito bem que isto é heroísmo. Não sei por que ridiculariza assim o movimento.

ZÉ- Já expliquei minha posição. Portanto, abrir o peito e deixar a bala entrar é a última palavra de ordem! Paciência.

JÚLIA- Vamos, gente! Lá fora o pessoal está esperando ordens!

FRED- Se Deus quiser não vai acontecer nada!

ZÉ- Deus? Deus está do lado das forças armadas. Não sabia?

### **TERCEIRO ATO – “A Derrocada”**

MÁRIO - Seis e quarenta. A passeata se articula como por milagre, e manifestantes começam a subir a Avenida São João com faixas e cartazes. A polícia do exército, a polícia marítima e a cavalaria reprimem o movimento. Há tiros, bombas e pancadaria. Novos tiros, vindos de um destacamento que acabara de chegar pela Ipiranga, fazem com que a debandada seja frenética. todos fogem. Há dezenas de feridos. Um estudante, ao tentar atirar uma bomba molotov sobre um contingente da cavalaria armada leva um tiro no estômago e é imediatamente conduzido ao Hospital das Clínicas. Júlia Silva e José Freitas conseguem escapar a perseguição da polícia e toda a cidade está em polvorosa.

**(ROSA, FRED e ZÉ jogam baralho)**

ROSA – O cara que morreu foi o Luís, não foi?

FRED – A Vilma acha que foi. Está chorando desde a hora que chegamos.

ROSA – É natural. O Luís era o noivo dela.

ZÉ – Sua vez, Rosa.

ROSA – Cadê o meu curinga que estava aqui?

FRED – Procura direito. Toda hora você perde uma carta.

ROSA – Não achei. Pra variar, vocês me roubaram.

ZÉ – Ah, vai, quem vai querer roubar um curinga?

ROSA – Então como é que eu não acho?

ZÉ – Olha aqui o seu curinga. Toma

FREDERICO – Ei, Zé. Você jogou um curinga. Ficou louco?

ZÉ – Vamos parar com isso, ta? Estou cheio deste jogo.

FREDERICO – Você quem sabe. Quem resolveu jogar foi você.

ZÉ. Senão eu enlouquecia. Mas não dá pé. Meus nervos não deixam. Estou estourando.

ROSA – E agora? A gente vai fazer o quê? Vai ficar sem fazer nada?

ZÉ – Eu vou. Vocês dois façam o que quiserem.

ROSA – Eu vou ter um troço se ficar aqui parada. Estou morrendo de medo. A polícia ...vem mesmo, não é? Já aconteceu de ela avisar que vem e não vir?

ZÉ – Já. Mas desta vez não tem engano. Ela vem.

ROSA – E...E depois?

ZÉ – Você não via na passeata? Vai ser igual?

ROSA – Cães, cavalos, tiro...Tudo igual?

FRED – Calma, amor...calma...

ZÉ – Tudo igual. Cães, cavalos, tiros...tudo. E feridos, e presos. E até mortos. Entende? E não adianta ter chilique.

ROSA – Eu não vou ficar!

ZÉ – Acho bom. Aliás, um conselho. Vocês dois...porque não vão embora? Vocês não têm porque ficar agüentando o tranco. Não é por nada, mas...Na verdade, eu me julgo diretamente responsável pelo que acontecer com você.

FRED – Freitas, por que você não vai embora também, já que acha besteira ficar?

ZÉ – Não sei. Talvez eu consiga convencer o pessoal a evacuar a escola.

ROSA - Frederico vamos embora daqui...

FRED - Não sei aonde você arranja tanta calma, Zé, você não ficou chocado com tanta carnificina de hoje?

ZÉ - Você pensa que sou de aço inoxidável? Claro que me choquei, estou desesperado. Diante desse bando de suicidas, me sinto um fraco. Estou começando a ficar cansado... Se eu fosse capitão Marvel ou super Zé, eu ia voando até o xadrez, tirava os presos de lá. Mas não posso nem convencer estes dementes a sair desta bodega.

ROSA - E nós? O que vai ser da gente? Eu quero ir embora daqui. E você vai comigo.

FRED - Isto não!

ROSA - Fred não sei que raio de mania te deu. Não sei que heroísmo besta, Fred, você é grã fino eu grã-fina, não fomos educados para sofrer, fomos criados na piscina do clube e na igreja, nos estamos aqui de sapos. Entende. De sapos!

ZÉ - Quer calar a boca. Largue o Fred em paz, a porta esta aberta. Se quiser sair é só sair.

ROSA - Não vou sem ele. Ele é meu noivo. Não vou deixá-lo aqui sozinho com este bando de alucinados, e pior nas tuas mão...

ZÉ - Estou preocupado com outra coisa...

ROSA - Com a Júlia, suponho.

ZÉ - É com ela mesma. Ela saiu comigo da passeata, depois fomos tomar uma coca-cola juntos num bar. Ela pegou um táxi, disse que tinha hora marca no médico... Às dez horas... Não sei se ela fez ou não fez o aborto. Se correu tudo bem. Pode ser que tenha pegado ela quando ela saiu do bar tinha milico à beça no lugar. Por isso estou preocupado.

FRED - Zé... Se a Júlia fez o aborto, se é isso que te preocupa tanto... Posso te garantir que isso não tem galho. Olha, eu conheço mil casos... Não tem o menor perigo este negócio de aborto.

ZÉ - Você entende disso?

FRED - mais ou menos... Eu sei que não tem problema.

ZÉ - ela estava de três meses e lá vai pedrada. Isto não complica?

FRED - Não... Acho que não. Aborto hoje em dia é como parto normal... Até mais simples.

ZÉ - como parto normal?Então dói pra burro.

ROSA - Claro que dói.

ZÉ - Doer... Deve estar doendo tanta coisa em tanta gente agora. O pé do cara baleado. O estômago do cara que ninguém sabe se é o Luís ou não.

FRED - E a consciência de muita gente.

ZÉ - A consciência do Cebola deve estar doendo estas alturas.

**(Cebola e Dartagnan entram)**

CEBOLA – Pessoal, eu ouvi um barulho de multidão vindo lá de fora, esperem aí que eu vou subir pra conferir. Fiquem aí... Atenção pessoal! São eles! É a repressão! Fiquem onde estão!...Enganei-me. Desculpem. Enxerguei mal. Vi um monte de gente lá longe...

DARTAGNAN - O que era então, idiota?

CEBOLA - Uma procissão. Imaginem só.

ZÉ - Vai dar alarme assim no inferno! Cebola de merda! Como é que uma criatura em pleno uso das faculdades mentais confunde procissão com batalhão de exército?

ROSA - O Cebola ficou louco.

ZÉ – Ficou não. É louco. Louco e cego, o que é pior.

CEBOLA - Não torra! Você não disse que era para avisar tudo o que eu visse na rua?

ZÉ – O Cebola precisa ser substituído lá em cima. Está míope. Outro dia confundiu um pedreiro com delegado da policia!

DARTAGNAN – Cebola, é cegueira ou caganeira?

CEBOLA - Ah! Vão encher a avó!

***(Fred toca violão. Mário bêbado entra)***

MÁRIO – Ei, Fred, pára com este violão. Desculpe. Mas não dá pé. Repressão policial...Repressão sexual, repressão clerical...mais você tocando violão, é demais.

FRED - Então toca você. Alguém precisa tocar. Este ambiente precisa de música, daqui a pouco parece um túmulo.

MÁRIO – E daqui a pouco não vai ser um túmulo?

DARTAGNAN - Não dramatiza.

***(Fred continua a tocar violão e cantar)***

MÁRIO - Fred... Pára com esta droga! A tua voz é capaz de dispersar um exército!

FRED - Pelo menos minha voz é super potente!

Mario - Senão vai por bem, vai por mal. Dartagnan...

DARTAGNAN - Toco sim.

FRED - Vamos subir.

ZÉ – Sobe você.

FRED - Eu vou. Vou ver se me acalmo um pouco.

**(Fred sai)**

MÁRIO - Gente! Se continuarmos a chorar o tempo todo, quando a polícia chegar não vamos ter força nem pra ...atirar uma molotovezinha...

DARTAGNAN - Está bêbado feito um porco!

ROSA – Por que não sobe com ele?

ZÉ – Porque eu estou tentando raciocinar e no meio disso tudo estou apaixonado por você.

DARTAGNAN – iii... Vamos subir, Cebola.

CEBOLA - É melhor terminar minha leitura lá dentro.

**(Dartagnan, Mário e Cebola saem)**

ROSA - Não me interessa a tua paixão. Só me interessa uma coisa. Sair daqui. Deste inferno.

ZÉ – Rosa, eu estou desesperado. Me abraça !

ROSA - Me solta. Eu não gosto de você! Eu quero ir embora daqui! Estou com medo! Medo da polícia, da minha mãe, do meu pai! Eu não quero mais ver a tua cara...

ZÉ - Eu também estou com medo. Eu não quero morrer. Juro por tudo que você quiser. Por incrível que pareça, eu preciso que você me abrace.

ROSA - Não acredito em você. Estes teus amores são fogo de palha.

ZÉ - Rosa lembra quando você entrou na escola pela primeira vez? Você ficou ali parada olhando para mim e para os 200 caras que estavam ali. E eu vi por baixo dos seus óculos um olhar de inocência, de perplexidade, um olhar de medo... lembra Rosa?

ROSA – Chega de recordação! Nós temos mais o que fazer que ficar lembrando isso. Eu...

ZÉ – Fica comigo...Fica comigo, estou dizendo!

ROSA – Você esqueceu a Júlia, não foi? Você me esquece também. Não é assim a tua dialética?

ZÉ – É. A dialética me ajuda. Você é uma burguesinha cretina. Ainda bem que é assim. Eu não ia suportar por muito tempo uma mulher tão frágil. Um bibelozinho apavorado e egoísta como você!

ROSA – E eu não ia suportar um homem sem profissão definida. Sem casa, sem nada. Um...ex-líder estudantil, cujo futuro é viver às custas de um partido político qualquer, ou então, de empréstimos caridosos desta burguesia que você tanto odeia. Eu vou me casar. Não sou mais virgem. Mas o Frederico vai compreender, eu sei que vai. Ele tem que compreender. E vou esquecer esta tragédia que vi hoje, Freitas.

ZÉ – Bem, sobe...vai lá buscar teu noivo. Eu tenho nojo de você.

**(Rosa sai. O telefone toca)**

ZÉ – Alô? 51-4725. ZÉ Freitas. O senhor discuta com ela esse problema. Leu no jornal? É. A imprensa burguesa me fez famoso. Já disse que o senhor deve falar com ela e discutir com ela. Um dia esta tua fábrica vai ser do po-vo! Do povo! Rosa... Seu pai...

**(Rosa entra)**

ROSA – Alô...O Freitas é assim mesmo. Não tem educação. Eu sei. Eu quero sair daqui, mas o FREDERICO é quem não quer. Não grita! Fred!!! **(Fred entra)** Papai falou que quer falar com você.

FRED – Seu Jarbas...se ela quiser, que vá. Vou ficar. Chame um médico, então seu Jarbas. Não posso fazer nada pelo senhor... Enfarte não é assim, seu Jarbas. Calma...E quem rompe ou não o nosso noivado somos nós dois.

ROSA – Que foi que ele disse?

FRED – Ah...o negócio do eterno enfarte. Disse que dona Verônica já mandou um médico. Que sua casa está um inferno...por sua causa.

ROSA – Eu quero sair daqui! Eu quero ir embora daqui!

**(Mário, Dartagnan e Cebola entram)**

MÁRIO – *(cantando com uma garrafa na mão...)*

ZÉ – Me dá isto aqui. Você desmoraliza o movimento.

MÁRIO – Me dá a garrafa. Eu quero beber. Você não tem nada com isso.

ZÉ – Você está a fim de defender a escola da invasão policial?

MÁRIO – Estou.

ZÉ – Bêbado deste jeito?

MÁRIO – Me dá a garrafa. Me dá a garrafa...Se a polícia chegar? Você quer fazer o que é que eu faço? Assim. Senhor comandante do Exército, não vem que não tem. Rata-ta-ta! “Era um garoto que como eu”...Quando eu era menino e brincava de mocinho e bandido...os meus inimigos morriam todos. Você pensa que eu tenho medo da polícia? Não...eu acho que a polícia é que tem medo de mim. Vou acabar com a polícia, com o esquadrão da morte, o sistema capitalista, com a miséria, o analfabetismo...Quando a polícia chegar, eu falo assim...Senhor comandante do Exército, com esta tua farda, o senhor parece um periquito. O senhor é ridículo. O senhor e a sociedade que o senhor defende. Pode vir. Pode vir quente que eu estou fervendo.

ZÉ –Quando acabar com esta falação, me dá a palavra.

MÁRIO - ...E se os caras atirarem em mim, como atiraram lá na São João naquela porrada de gente...Eu grito- SHAZAAN! E viro o capitão Marvel! E saio voando...E salvo todo mundo! E do alto, dou um berro pra nação inteira - OPERÁRIOS DE TODO O MUNDO! UNI-VOS CONTRA A POLÍCIA, O EXÉRCITO, A IGREJA... E A PUTA QUE OS PARIU!

ZÉ – E seremos todos felizes para sempre, até que a morte nos separe e até o dia do juízo final...

MÁRIO - ...Vai ser lindo o dia do juízo final. Fogo por todo o canto. Tudo incendiado. Que nem o carro da polícia que o Cebola incendiou. Que nem aquele caminhão de coca-cola. Fogo! Fogo em tudo!

ZÉ – Não entendi até agora porque vocês incendiaram o caminhão de coca-cola!

CEBOLA – Coca-cola o que é?

ZÉ – Refrigerante, pelo que me consta.

CEBOLA - Imperialismo norte-americano.

ZÉ – Não diga! Que menino mais esclarecido! E daí que é imperialismo norte-americano? Neste caso vocês deveriam estragar o país todo, porque tudo aqui é deles.

MÁRIO – Aos poucos...Zé, aos poucos. Calma... as coisas se resolvem aos poucos. Hoje um caminhão de coca-cola, amanhã a coca-cola inteira...

ZÉ - ...Depois de amanhã vocês dinamitam o prédio do Pentágono e finalmente a Casa Branca. É este o plano?

MÁRIO – Mais ou menos. Você não achou um exemplo histórico?

ZÉ – Um exemplo histórico.

MÁRIO – Histórico. Insisto. Histórico não. Histórico. Um exemplo de coragem e ousadia!

ZÉ – Da porralouquice da mais cretina.

MÁRIO – Só os porraloucas fazem a história!

ZÉ – Eles atrapalham! Os porraloucas só atrapalham! Vamos virar lenda. Lenda e piada.

MÁRIO – Cuba, por exemplo, tá aí. Uma porralouquice histórica. Que deu certo.

ZÉ – Se o Fidel te visse falando isso...te botava no paredão. Ou então, te misturava lá com os bichas, e te punha de escanteio da sociedade. Cuba não é a mesma coisa que a Faculdade de Filosofia. É um negócio muito sério.

MÁRIO – Não confunda Cuba com a Faculdade de Filosofia, Freud com a Cassandra Rios...

ZÉ - Você devia trabalhar na televisão. No programa do Chacrinha. Tem senso de humor. Só que agora já está enchendo o saco. Pessoal...Só uma pergunta. Vocês estão sabendo que não vai ser uma luta igual, não estão?

DARTAGNAN – Como assim?

ZÉ - Vocês estão sabendo que a polícia vai acabar com isto aqui. Que não há...possibilidade de a gente vencer a batalha.

DARTAGNAN – Encerra, Zé. Não adianta. Ninguém arreda o pé daqui. Daqui não saio e daqui ninguém me tira.

MÁRIO – Ainda bem que todo mundo melhorou de humor!

DARTAGNAN – A gente tem que agüentar até o fim. Se houver tiroteio, paciência.

MÁRIO - ...ficaremos na história.

ZÉ – Na história dos loucos. Como lendas. Anedotas que se contam nos bares.

FRED – Não vamos brigar, gente.

***(Fred liga o RÁDIO, começa a tocar um iê-iê-iê)***

ZÉ – Bota no noticiário.

ROSA – Não. Acho que é masoquismo. O dia inteiro vocês ficam grudados nesse rádio. Pra que ouvir as mesmas notícias? Que é que adianta ficar sabendo das coisas?

ZÉ – Quero saber o nome do cara baleado. Quero saber se era o Luisinho. E...se morreu ou não...

ROSA - Em vez de ficar aí dançando devia dar um jeito de a gente sair daqui.

ZÉ – É só abrir a porta e sair.

Rosa – Fred...Vamos embora, hein? Vamos? Pára de dançar, Fredinho...Vamos embora. A gente sai daqui e vai direto pra casa. Depois a gente dá um pulo até o clube. Não ia ser uma delícia ir ao clube?

O RÁDIO - ...E SENDO, SENHORAS E SENHORES, QUE ESTA FACULDADE SERÁ INVADIDA DENTRO EM BREVE, O EXERCITO E A POLICIA ESTÃO A CAMINHO. FAZEMOS UM APELO AOS JOVENS, SUA CORAGEM SERÁ EM VÃO. TODAS AS OUTRAS FACULDADES FORAM EVACUADAS PACIFICAMENTE, O RESULTADO DA PASSEATA ESTÁ AÍ PRA QUEM QUISER VER. FERIDOS...PRESOS...PRA QUE TUDO ISSO?

FRED – Idiotas. Pensam que com estas bichas falando o dia inteiro no ouvido da gente...Com estas marchinhas nojentas, vão convencer a população de que nós somos baderneiros e loucos.

ZÉ - O que temos feito deve ter assustado a população. Eles devem estar com medo de estudante. Tenho a impressão de que não há ninguém do nosso lado. Talvez a Igreja. Pergunte ao Frei Marcílio, Rosa!

ROSA – Frei Marcílio é progressista!

FRED – Nem todos os padres são o que você pensa! Acho que não está por dentro das modificações, das brigas internas da Igreja. Há padres, e padres...

ZÉ – Sei...sei...Alguns são até a favor da guerrilha. É isso? Muita esmola o santo desconfia. Eu não posso acreditar na mistura de Cristo com Marx.

ROSA – É progressistaaaaaaa! Não me irrita!

ZÉ – Então não há tanto problema assim, quando ele souber que você não é mais virgem, não vai fazer escândalo nenhum.

**(Dartagnan, Cebola e Mário saem)**

FRED – Repete o que você disse, Freitas. Você falou por falar...ou então como é essa história?

ROSA – Falou por falar, sim, Fred. Você não acreditou no que ele disse, não foi? Fred! Olha pra mim.

FRED – Me explica, Zé. Por favor, me explica...

ZÉ – Não é hora de falar em problemas sexuais. Solta o meu ombro. Não gosto disso.

FRED – Quem te disse isso que você acabou de dizer aí? Eu quero saber a verdade!

ROSA – Fred! Eu juro por Deus! Fred!

ZÉ – Quer saber se sua noiva é virgem ainda, não é, Frederico?

FRED – É...

ZÉ – Não é mais. Pronto. Não é mais virgem. Não vai poder usar o vestido de noiva. Que merda!

ROSA – É mentira, Fred! Acredite em mim.

FRED – Prove... prove isto...

ZÉ – Provo sim...Ela dormiu comigo, Fred. Eu estava apaixonado por ela. E ela estava a fim de ter umaaventurazinha com um líder estudantil. Dormiu comigo. E daí? Vai fazer um duelo de espadas? Que merda...ela não perdeu o valor de uso ainda.

FRED – Cafajeste...Você me fez de palhaço...Você, meu melhor amigo...E todo mundo aqui sabia...Vou acabar com você!

**(Fred joga Zé no chão)**

ZÉ – Ela também quis. Você devia dar uma surra nela também...

ROSA – Fred...Fred...olha pra mim...Vamos embora. Eu te explico tudo lá em casa.

FRED – Sai da minha frente.

ROSA – Frederico. Pra quem você ia telefonar, Frederico?

FRED – Por uma questão de honra eu ia ligar pro teu pai, pra avisar o nosso rompimento. Mas nem isso eu vou fazer. Faça você mesma. Eu quero que você se dane!

**(Fred sai)**

ROSA – Perdi meu noivo...Se eu pudesse, seu eu pudesse. Eu te matava. **(Rosa liga pra casa)** Alô...mamãe...O quê? Nãooooooooo!

ZÉ – O que foi? Fala! Que foi?

ROSA – Meu pai...meu pai...

ZÉ – Que é que ele tem?

ROSA – Meu pai teve um enfarte. Meu pai vai morrer! Meu pai! Alguém tem um carro aí pra me emprestar? Meu pai vai morrer. Perdão, papai!!!

ZÉ – ROSA, você não pode sair neste estado!

**(Rosa sai. Mário, Dratagnan, Vilma e Cebola entram)**

MÁRIO – Que berreiro foi este?

ZÉ – Tragédias burguesas. A Rosa perdeu o pai e o noivo.

DARTAGNAN – O pai da Rosa morreu, então? Coitada.

ZÉ – Sofreu um enfarte. E o Fred atirou a aliança no chão.

DARTAGNAN – Você também tinha que falar alguma coisa!

VILMA- Então é por isso que você está mal, Zé? Você está mal. Está passando mal. Parece que de repente a energia acabou. Eu também me sinto velha. Cansada. Toda hora eu penso no Luís. Tenho quase certeza que ...o cara baleado foi ele. Não consigo saber se o que sinto é dor, ódio ou vontade de achar uma saída. Eu já não sei se continuar aqui pra fazer uns cadáveres a mais é a melhor

coisa. Não sei. Eu fico. Fico, sim. Estou sem forças pra arredar o pé. Vai ver eu quero é mesmo que a polícia me acabe de uma vez.

ZÉ – O suicídio é reacionário, Vilma.

VILMA – Não tome os outros por mim. Eu sei que a minha atitude é covarde. Sei que estou aqui porque quero morrer. Sei que é suicídio, sim. Os outros talvez não. Eles acreditam piamente que é correta a atitude de ficar até o fim. O meu problema é o desespero. Só isso. Não me leve a mal.

ZÉ – Gente! Ouçam de uma vez! Nosso movimento é importante demais pra acabar num suicídio coletivo.

CEBOLA – Agora é tarde. Nós decidimos ficar e vamos ficar. Nós estamos dando um exemplo a todos os que ainda não conheciam a violência. Estamos provando a violência. Se a história do movimento estudantil precisa de bucha de canhão, estamos aí, ensangüentados.

ZÉ – Idiotas.

DARAGNAN – Não somos idiotas, Zé.

ZÉ – Idiotas.

DARTAGNAN – Escuta, Zé...

ZÉ – Bucha de canhão! Morrer anônimo, sozinho e feito bicho. Merda!

MÁRIO – Não vai haver morte aqui dentro. Vai haver prisão, isso sim. E vamos resistir, pra que todos saibam que resistimos.

ZÉ – Menos dez. Menos dez criaturas conscientes, numa luta que deveria ser de muito, muito, muito mais.

**(Ana entra)**

ANA – Gente. Atenção. Eu tenho notícias... Saí de lá agora. Desde as oito, que foi quando me pegaram, que estão me interrogando. Consegui bancar o débil mental. Me fiz de cururu, eles perguntaram uns troços, e me deixaram sair. Soltaram cinquenta. Os outros cem vão ficar presos até segundas determinações. A polícia vem vindo pra cá. A intenção deles não é matar, nem nada, mas se houver resistência eles atiram. Têm ordens. Ordens de encanar todos vocês.

ANA - Tenho a lista aqui.

VILMA – E o Luís? E o Luís?

ANA - A lista está com os nomes dos soltos e feridos. Foi um custo conseguir isto...

ZÉ – Você sabe da Júlia? Fala, Ana. Fala, tudo o que você sabe...

ANA – A Júlia... estava lá. Eu vi ela.

ZÉ – E daí? Ela estava bem? Torturaram ela?

ANA - Torturaram sim. Não sei o que fizeram com ela. Sei que foi torturada. Não sei se arrancaram as unhas dela, se deram choque elétrico, se espancaram...sei que foi torturada. E abortou. Teve uma violenta hemorragia. Quando eu saí de lá ela estava passando muito mal. Custei a conseguir informação sobre ela na enfermaria. Ela perdeu sangue à beça. Por isso eles disseram que ela não escapa. Mas quando eu saí de lá ela não tinha morrido ainda. Não fiquei sabendo de mais nada.

ZÉ – E espancaram...trituraram ... como se ela fosse um porco. Ela vai morrer, sim. Vai morrer, na mão daqueles açougueiros. Vai morrer ensangüentada como uma vaca no matadouro. Fizeram o aborto por ela. Pois sabiam que ela queria ter o filho. Nem perguntaram se queria ou não! Não respeitaram a vontade dela, porque...não existe vontade. Existe violência, só isso. Carniceiros.

ANA – Vilma...O cara baleado...Foi confirmado...foi o Luís.

VILMA – E ele morreu? Ana, ele morreu?

***(Ana abraça Vilma. Vilma corre em direção à escrivaninha e pega um revólver)***

VILMA – Vamos ficar. Vamos ficar aqui, todos nós. Eles vão se esbaldar. Vão se empanturrar...Vão vomitar de tanto sangue. Somos seis agora. Seis animais pro matadouro deles. Todo mundo vai ficar aqui. Atiremos neles. Atiremos neles e eles atirarão em nós. Claro, não? Não, Freitas? Todossaberão que seis jovens de vinte a vinte três anos foram almoçados como porcos. Quem sair daqui leva bala, ouviram TODOS? Agora quem manda aqui sou eu. Nós vamos vingar o Luís e a Júlia. Ninguém sai daqui. Vamos resistir. Resistir.

CEBOLA – ***(Olhando pela janela)*** Agora são eles. Três brucutus! Três brucutus! Dez carros da policia e a cavalaria. Tudo o que havia na passeata. Meu Deus!

ZÉ - Vamos nos preparar e ver o que eles vão dizer. Se for o caso todo mundo se entrega sem se mexer.

DARTAGNAN – Eles vêm vindo pra cá, já estão na esquina.

ANA – Zé, você tinha razão. Vamos nos entregar ou morreremos todos. Alguém tem que segurar ela, Zé. Alguém tem que segurar a Vilma. Ela vai fazer uma besteira. Ela vai atirar!

MÁRIO – Não se atira merda nenhuma aqui, ouviram bem?

VILMA - Cada um no seu posto. Quando eles chegarem de vez, atirar. Atiras as bombas, os explosivos, e metralhar um por um! Sem medo e sem remorso. Como eles fizeram com o Luís, a Júlia e todos nós! Exatamente na mesma moeda!

ZÉ – Não enlouqueça, Vilma!

VILMA – Zé, você sabe melhor do que eu. Mataram o Luís e devem ter matado a tua Júlia. Nós precisamos atirar neles, Zé. É um testemunho. O povo saberá que existe a violência. Que ela não é ilusão, conversa fiada, poesia. Em todos os cantos, a violência, Zé... E em nós. Ela não podia deixar de existir em nós. Atiremos neles. O massacre vem de todos os lados.

ZÉ – O suicídio é reacionário, Vilma!

VILMA – Eu preciso resistir. Eu preciso matar todos eles.

VOZ EM OFF – ESTUDANTES, SAIAM SEM RESISTÊNCIA! TEMOS ORDENS PARA ATIRAR AO MENOS SINAL DE PROVOCAÇÃO POR PARTE DE VOCÊS! EVACUEM A ESCOLA PACIFICAMENTE E NADA LHE ACONTECERÁ...

VILMA – Fascistas! Carniceiros! Nós não nos entregaremos!

VOZ – SAIAM EM FILA COM AS MÃOS PARA O ALTO! SAIAM PACIFICAMENTE COM AS MÃOS PARA O ALTO! SE HOUVER RESISTÊNCIA, HAVERÁ MORTOS!

***(Mário, Ana, Dartagnan e Cebola começam a sair com as mãos na cabeça)***

VILMA – Companheiros! Voltem, companheiros! Isso não é suicídio, não! É um ato histórico! O sangue precisa ser visto senão ninguém saberá que estamos sendo massacrados!

ZÉ – Nós vamos sair também. Não atirem!

VILMA – Nós vamos ficar! Vamos ficar!

VOZ - JOSÉ FREITAS! VOCÊ E ESTA MOÇA QUE ESTÁ COM VOCÊ! ENTREGUEM-SE SEM RESISTÊNCIA! AO MENOR SINAL DE VIOLÊNCIA, TEMOS ORDENS PARA MATAR... ISTO É UMA ADVERTÊNCIA!

ZÉ – Nós vamos nos entregar. Estamos saindo, estamos saindo.

***(Vilma sobe na escada e aponta a arma pra rua)***

VOZ - NÃO QUEREMOS FAZER MAIS MORTOS! ESTAMOS DEFENDENDO A ORDEM E A TRANQUILIDADE DA NAÇÃO! ESTAMOS CUMPRINDO ORDENS!

ZÉ – Que ordem é esta que vocês estão defendendo? Que ordem nojenta é esta que vocês estão defendendo?

VILMA – Atire neles, ZÉ...

***(Rajada de metralhadora corta atinge Vilma)***

VOZ – ENTREGUE-SE ZÉ FREITAS, SENÃO ATIRAREMOS EM VOCÊ TAMBÉM. TEMOS ORDENS PARA MATAR. PARA MATAR. PARA MATAR. ENTREGUEM-SE TODOS COM AS MÃOS AO REDOR DO PESCOÇO.

***(Zé sai com as mãos na cabeça)***

**FIM**